



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
 PROJETO MEMÓRIA DOS PRESIDENTES DA
 REPÚBLICA

FICHA DE CONTROLE DE DOCUMENTOS

ACERVO ARQUIVÍSTICO TEXTUAL

ALTERAÇÃO

REGISTRO
 55/1984/1XX/XX:XXTPP/PI1 / / / 505 / /

DESCRIÇÃO
 O DIREITO DE DISCORDAR

DESCRITORES
 SARNEY ARTIGO DIREITO DE DISCORDAR

AUTOR
 JOSÉ SARNEY

ENTREGUE POR
 JOSÉ SARNEY

RECEBIDO POR
 JOSÉ SARNEY

ACOMPANHAMENTO

LOCALIZAÇÃO
 QUATELEIRA OR ESTANTE 01

ESTB

RESUMO

REMETENTE

LOCAL E DATA
 BRASILIA NOVENBRÃO 1984

Nº 000001

NOTAS

PREENCHIDO POR/NOME
 Fernando Chagas

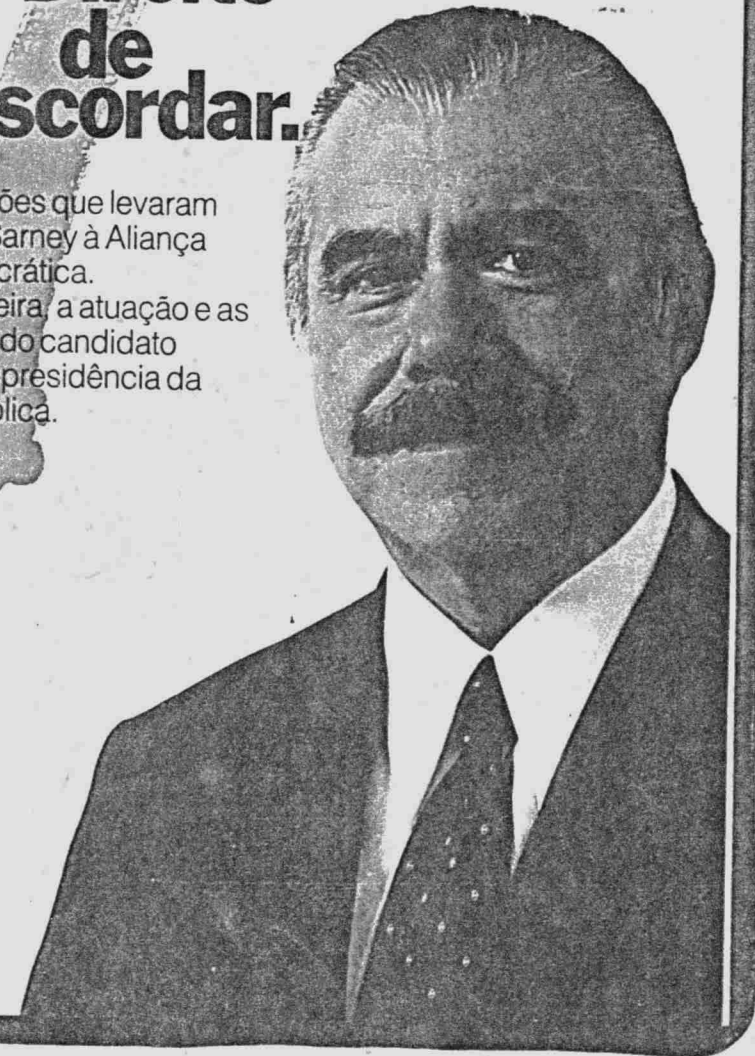
DATA
 29/10/04

Campanha da Aliança Democrática

PS-2

O Direito de Discordar.

As razões que levaram
José Sarney à Aliança
Democrática.
A carreira, a atuação e as
idéias do candidato
à vice-presidência da
República.



Brasília, novembro de 1984.

Sua vida

José Sarney nasceu em Pinheiro, no Maranhão, em 24 de abril de 1930. O humanismo, as letras e as artes sempre foram o seu ofício e paixão, apesar de sua brilhante carreira política.

A Canção Inicial

Ainda na Faculdade de Direito fundou a "Folha do Estudante" e depois a revista "A Ilha", junto com o poeta Ferreira Gullar. Dirigiu o suplemento literário do jornal "O Imparcial" e estreou nas letras com o livro de poesias *A Canção Inicial*. Publicou mais tarde vários ensaios de cunho político e sociológico e teve seus contos publicados pelas revistas "Senhor" e "O Cruzeiro".

Em 1970 saía a primeira edição de *Norte das Águas*, saudada efusivamente pela crítica literária de todo o país. Repetiu o êxito literário com o livro de poesia *Maribondos de Fogo*, publicado em 1979. Seu próximo livro, já no prelo, é o romance *Major Sertório, 16* (título provisório), uma saga brasileira que conta o encontro e o conflito de duas culturas — a nordestina, agreste, heróica, introspectiva, e a do Sul, urbana, metropolitana, implacável.

Sempre atuante

Como homem público, o senador José Sarney é uma das mais atuantes figuras da história política contemporânea brasileira. Assumiu a cadeira na Câmara dos Deputados em 1955 pela UDN, tornou-se um dos líderes do partido e reelegeu-se em 1958 e em 1962. Em 1965 elegeu-se governador do Maranhão, e de 1969 até 1980 vem se reelegendo

em sucessivos pleitos para o Senado Federal.

Em 1984, por razões de consciência e de coerência com seu próprio credo ideológico democrático, renunciou à presidência do PDS para integrar-se à Aliança Democrática.

"Tenho absoluta incapacidade de sentir ódio". (José Sarney)

Um homem de Estado

Depoimento de Afonso Arinos:

"Sarney representa uma aliança que ainda não tinha sido feita completamente na tradição maranhense, da chamada 'Atenas Brasileira'. Porque a 'Atenas Brasileira' não foi somente Atenas, foi uma Atenas romanizada. Há, na tradição intelectual do Maranhão, a presença de muitos políticos, como Odorico Mendes, João Lisboa, Coelho Neto... São clássicos. Existem os políticos — Gomes de Castro, Benedito Leite, Urbano Santos —, mas não há uma interpenetração, uma comunicação entre essas duas posições da intelectualidade e da ação política dos maranhenses.

Sarney faz um pouco essa ligação entre Atenas e Roma, entre a vida da intelectualidade política e a ação da liderança política. Eu conheci Sarney desde menino e sempre pressenti nele esse líder, de enorme presença. Quando estive no Maranhão, fiquei espantado de ver o que é a popularidade de um governador-escritor. Foi para mim algo surpreendente sentir nesse jovem, desde logo, essa potencialidade. Eu não quero referir-me ao passado. Eu quero referir-me ao futuro. E vocês vão ver, no futuro, o que significa essa ligação.

Mas Sarney não é apenas este escritor que a Academia acolheu no seu seio, com grande justiça e para grande desvanecimento de todos nós; ele não é apenas o líder político, afável mas duro, que destruiu oligarquias tidas por invulneráveis no Maranhão — ele derrubou situações tidas por inabaláveis na política

maranhense —, mas ele é também o homem de Estado. O que ele fez no Maranhão como administrador de seu povo é algo que salta aos olhos quando se passa por lá".

Sua formação

A formação humanista de José Sarney forjou o liberal moderado, comprometido com a democracia e com a justiça social como ética norteadora da ação política.

A firmeza de propósito, a correção da conduta e o brilho dos seus pronunciamentos deram a José Sarney o lugar de uma das mais importantes figuras da história política contemporânea brasileira.

Duas vocações integrais

Como diz Josué Montello, "se José Sarney não houvesse escolhido o caminho político para se realizar em termos de irradiação nacional, poderia tê-lo feito, há mais tempo, no campo da literatura, com a sua pena de grande escritor. Como político, ele não é literato; como homem de letras, ele não é político".

Sua vocação de homem público e de líder vem da juventude. No Liceu Maranhense, no curso ginasial, funda a "Folha do Estudante", órgão de debate de temas de defesa da classe. Na Faculdade de Direito firmou sua liderança, participando da direção da União Maranhense de Estudantes e do Diretório da Faculdade de Direito, bem como da representação do Estado no Conselho da União Nacional dos Estudantes.

Deputado aos 26 anos

Aos 24 anos candidata-se a deputado federal. E aos 26 assume o mandato na Câmara. Mas é ele mesmo quem diz que começou a fazer política desde a infância, povoada das sagas políticas que envolviam a vida do seu município natal.

Sarney afirma que em política entra-se por amor. E dela não se sai, movido pela devoção, pela obrigação e fidelidade de lutar pela solução dos problemas do povo. E conclui: "A política só tem uma porta, é a da entrada, ao sacrifício".

Sua carreira jornalística

Sua vocação de jornalista nasce aos 16 anos, quando entra para os Diários Associados do Maranhão, onde permanece durante muitos anos como Secretário, Redator, Editorialista. Expande sua tarefa de jornalista, colaborando em quase todos os órgãos da Imprensa brasileira.

Jornalista incansável

Mais tarde, junto com Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzzi, Lago Burnett e Luiz Carlos Bello Parga, cria o grupo literário conhecido como "O Grupo da Ilha", que se reunia em torno da revista que fundaram, e constitui marco na vida cultural do Maranhão. Concomitantemente, dirige o Suplemento Literário de "O Imparcial". Participa, também, como colaborador, de todas as revistas e jornais que naquela época congregavam o grupo brasileiro de Neomodernismo.

Política e literatura são, portanto, duas atividades, duas vocações que nele se completam. A intuição do poeta traça os caminhos que buscam a compreensão dos problemas vividos pela sociedade. A utopia do político, homem comprometido com a realidade social, é uma idéia-força, no sentido de realização.

O desafio da política

Como projeção de sua visão intelectual, entra de corpo e alma na política. No campo da Oposição é um lutador indomável. Seus discursos, seus artigos, sua ação política correm todo o Estado. Rapidamente transforma-se no maior líder popular da história política contemporânea

do Maranhão. Sua preocupação é renovar, mudar a mentalidade de sua terra e enfrentar, com decisão, os problemas sociais.

Sua atuação política

No Congresso Nacional tem atuação brilhante. Participa do debate dos grandes temas nacionais. Sua sensibilidade com os problemas do País faz com que seja presença permanente na tribuna, criticando, sugerindo, fiscalizando, questionando decisões, apresentando projetos. É, logo, uma das vozes mais destacadas do Parlamento e seu prestígio é dos maiores na Casa. Orador parlamentar, aproveita sempre o discurso para afirmações de cultura e de estilo.

É escolhido, aos 27 anos, vice-líder da UDN, ao lado de Carlos Lacerda, Aliomar Baleeiro, Adauto Lúcio Cardoso, Oscar Corrêa e tantos outros que fizeram a grandeza daquele período da história política do País. Aos 32 anos torna-se vice-presidente do Diretório Nacional da UDN, sendo Bilac Pinto o presidente.

Na vanguarda do Congresso

Faz parte da Comissão de Constituição e Justiça, da Comissão de Educação e da Frente Parlamentar Nacionalista. Incorpora-se ao bloco denominado "Bossa Nova", movimento de vanguarda no Congresso que desejava fazer com que o desenvolvimento do país tivesse uma conotação social. Foi àquele tempo lançado o slogan "Desenvolvimento sim, mas com justiça social".

Por várias vezes, ocupa a liderança das Oposições. Com a vitória de Jânio Quadros, em 1960, é escolhido vice-líder do Governo. E, regularmente, ocupa sua liderança. Por isso, sempre afirma que conhece as duas margens do

rio: a margem da Oposição e a margem do Governo.

Ao chegar ao Congresso Nacional, já era um homem de letras consagrado na Província. Aos 22 anos, publica *A Canção Inicial* e ingressa na Academia Maranhense de Letras, onde ocupa a cadeira de Humberto de Campos.

Imortal nas letras

Em 1971 é eleito para a Academia Brasileira de Letras e em 1980 ingressa na mais alta instituição cultural do país, a Academia Brasileira de Letras, cadeira 38, sucedendo ao grande político e escritor José Américo de Almeida.

Seu governo no Maranhão

Sarney é reeleito duas vezes para a Câmara Federal. Em 1965, aos 35 anos, através de eleição direta — a mais empolgante que ocorreu no Maranhão —, é eleito governador do Estado, onde faz um governo que revolucionou os métodos de ação naquela área do Brasil.

O Maranhão entra em nova fase. Cria-se a sua infra-estrutura de estradas, energia, escolas, hospitais, e são lançadas as bases de um processo de industrialização que levará o Maranhão a ser um grande Estado do Nordeste, com o Projeto Carajás e de Alumínio.

Realiza uma administração moderna, dinamizando a economia estadual, com o fortalecimento das forças produtivas, a construção de estradas e a remodelação da Capital. Mas a principal orientação, reflexo de sua sensibilidade para os desafios impostos pelas condições sociais, foi no sentido da promoção do bem-estar e das condições básicas da população carente, sem esquecer o setor cultural, considerado prioritário.

Governo criativo

Com criatividade, procurou dar o máximo de rendimento aos recursos disponíveis, criando programas que marcaram época, e que constituíram, sem dúvida, exemplo para muitas administrações. Assim, o Programa de Educação João de Barro, desenvolvido por meio da comunidade, e o Projeto Sabiá, também da comunidade, para atender ao setor da saúde pública. E vários outros que serviram de exemplo, e foram seguidos não só no Brasil como em

outros países da América Latina. Corresponde à época do seu governo a criação da Universidade Federal do Maranhão e as faculdades de Agricultura, Engenharia, Administração, Educação, Comunicação e o Centro de TV Educativa, experiência pioneira no Brasil. Teve como lema de Governo: "Uma escola por dia, um ginásio por mês, uma faculdade por ano".

A essa época, George Lodge, que foi candidato a presidente dos Estados Unidos, fazendo um estudo sobre o Nordeste, depois publicado com o título "Engines of Change", disse de Sarney: "José Sarney Costa é um homem determinado em suas últimas intenções, que veio para o Governo como um reformador progressista. Ele é reconhecido como um líder excepcional, freqüentemente comparado a John F. Kennedy... Ele está totalmente empenhado em desenvolver seu Estado".

Durante todo o seu governo, não fez uso de qualquer Ato Institucional. Por isso mesmo se afirma que, no Maranhão, não havia necessidade da anistia, porque ali ninguém foi punido. Ao contrário, fez um governo de pacificação, procurando congrega a todos, convocando a juventude e dando oportunidade aos novos.

Sempre foi um espírito voltado à conciliação. "Tenho absoluta incapacidade de ter ódio, e a total boa fé de acreditar que devemos respeitar o que os outros pensam, até mesmo porque eles podem estar com a razão", define Sarney sua filosofia de vida.

Seu desempenho no Senado

Em 1970, elege-se senador da República, obtendo o maior índice das eleições majoritárias do País daquele período. Em 78, é novamente reeleito para o Senado Federal.

No Senado, sua atividade se desenvolve nas mais significativas e atuais questões nacionais. Assim é que a Reforma do Legislativo, os Partidos Políticos, a Liberdade de Imprensa são sempre presentes em seus pronunciamentos.

As questões econômicas também são objeto de sua análise. Examina a Política da Livre Empresa, a Política Energética do Brasil, a Crise do Petróleo, a Ecologia, uma Nova Ordem Econômica Internacional, entre outros assuntos.

Preocupação pela cultura

Mas aquelas questões ligadas ao desenvolvimento cultural são as que mais lhe dizem respeito, e às quais se detém com maior acuidade e interesse. Apresenta projetos dando incentivos fiscais àqueles que promovessem a cultura nacional, permitindo deduções no Imposto de Renda de pessoas físicas ou jurídicas para fins culturais, e isentando de impostos federais, estaduais e municipais qualquer forma de espetáculo cultural.

Quando começou o projeto de abertura, o presidente Geisel e o presidente do Congresso Nacional, Petrônio Portella, o convidaram para ser o Relator da Emenda Constitucional n.º 11, que extinguiu o AI-5. Iniciado o projeto de abertura, elegeu-se presidente Nacional do Partido do Governo com o propósito

de, juntamente com Petrônio Portella, comandar e executar o projeto da abertura política. Durante esse período foram votadas a anistia, a liberdade de imprensa e as conquistas democráticas.

Sempre com o povo

Com a sucessão presidencial, tomou posição ao lado do povo e explicou os motivos dessa decisão no artigo intitulado "O Direito de Discordar".

Tem 16 obras publicadas, abrangendo poesia, ficção, ensaio, conferências, discursos, política. Sua atividade de escritor, professor, jornalista, poeta, orador, constitui, dentro da pluralidade, a unidade do político e do intelectual.

Afonso Arinos, definindo-o, afirmou:

"Sarney não é apenas o escritor que a Academia Brasileira de Letras escolheu com grande justiça; ele não é apenas o líder político afável mas duro, que destruiu oligarquias, que derrubou situações inabaláveis, mas ele é também o homem de Estado. Conheci Sarney desde menino e sempre presentei esse líder de enorme presença".

O direito de discordar

"Foi lapidar a frase do almirante Aymara Xavier de Souza quando afirmou que 'discordar não é deslealdade'. É evidente que nos últimos tempos a imagem que se construiu do político que milita nas hostes do governo é a da subserviência e da acomodação. É uma imagem falsa que desconhece a luta diária, às vezes mais ingrata que a luta pública, daqueles que tentam evitar erros e construir decisões mais democráticas nas mesas internas do poder.

Política não é ação entre amigos

A minha experiência, ao longo de tantos anos de vida pública, é a de quem conhece as duas margens do rio, a da oposição e a do governo. Agora, o que me causa profunda estranheza é a aceitação e uso, pelo próprio governo, dessa tese, como verdade absoluta, de que os políticos que apóiam a situação devem ser sempre aquilo que o deputado Édson Vidigal chamou de 'as trombetas do amém'. Assim, repetem que discordar é trair, concordar é obrigação moral. Ora, tal lei é a própria lei do moralismo político. A política não pode ser uma ação entre amigos. É natural que a convivência crie raízes de amizade, mas esta não pode atingir jamais os limites de uma escravidão da consciência, uma morte da liberdade de escolher, ter opinião, crença e pensamento.

Essa visão do ângulo pessoal da política é uma deformação que ocorre quando desaparece a própria política. É uma maneira de desrespeitar as pessoas, a sua dignidade, o seu direi-

to de escolher caminhos. Trair é simular posição, é mistificar, é esconder, é fazer algo com um objetivo aparente, mas buscando atingir um outro, camuflado, oculto. Quem tem a coragem de discordar, de romper, de tornar pública uma posição, jamais pode estar traindo, pois o sinônimo de traição é o esconderijo das intenções. Traição é uma palavra emocional. Ela transpira ódio, cheira a violência. Por isso ela é usada para intimidar.

"Só os burros não mudam de opinião"

Na política, nada mais comum e natural do que discordar. E quando esta discordância chega à raia de não aceitar uma decisão que violenta a consciência, o rompimento é a decorência lógica desta atitude.

O pensamento da humanidade tem sido sempre construído neste entrecchoque de ações e de atitudes de militância política.

Joaquim Nabuco, na primeira página do seu livro *Minha Formação*, fala que seu sentimento liberal nasceu no colégio, na época em que seu pai tinha terminado a sua passagem do campo conservador para o campo liberal. Ao longo de nossa história política, tivemos sempre, na vida de grandes homens públicos, momentos em que as suas lideranças foram colocadas à prova, horas de decisão difíceis, amargas, duras, vigorosas.

Bernardo Vasconcelos saiu na viagem inversa, veio do liberal para o conservador, dominado por aquele espírito que chamou de regressista, isto é, aquele sentimento em que não desejamos mudanças, nos acomodamos às pequenas e pessoais ambi-

ções e a modestos aperfeiçoamentos políticos.

Mudar, portanto, não é sempre sinônimo de incoerência. Afinal, a vida toda é uma grande contradição e uma permanente dúvida.

Carlos Lacerda, acusado de trocar de opinião muitas vezes, citou Rui Barbosa: 'Só os burros não mudam de opinião'. E justificou: 'O que acontece é o seguinte: os acontecimentos mudam, as coisas mudam de aspecto. Só a obstinação leva as pessoas a não mudar. Se as coisas estão certas e nós estamos errados, por que não aceitar o que está certo e condenar o que está errado?'.

Kennedy pesquisou esse lado difícil de tomada de decisão política e escreveu um livro chamado 'Política e Coragem'. A coragem de enfrentar situações e tomar posição.

"A sociedade quer mudanças"

Vejamos o Brasil do presente. O presidente João Figueiredo, em seu discurso de 1.º de maio deste ano, disse: 'Conclamo a classe política ao entendimento e à cooperação. O conagraçamento e a conciliação constituem irreprimível imperativo nacional. Está a seu cargo (da classe política) desbloquear a política. Está em jogo a sorte da sociedade brasileira como um todo. A sociedade quer mudanças econômicas'.

E, em seguida, afirmou, de maneira clara: 'A crise da democracia pluralista resulta da inaptidão, que às vezes revela, para vencer obstáculos que a inércia, fundada no espírito conservador, opõe à implantação das mudanças que a sociedade requer'.

Ora, o que nós da Frente Liberal

fizemos? Recusamo-nos a aceitar uma decisão que era contra a vontade da sociedade brasileira que deseja mudanças. Aceitamos partir para o entendimento e a conciliação. Abrimos caminho para uma sucessão sem traumas, sem revanchismos, de unidade. Recusamo-nos a aceitar aquilo que o presidente João Figueiredo condenou no seu discurso às Forças Armadas, no Natal de 1982, quando disse que 'não permitirei que qualquer decisão política possa transformar-se em uma ação entre amigos'. E acrescentou: '... saberemos vencer, no momento da escolha, a ambição e o personalismo'.

O Brasil quer a conciliação

O que aconteceu? O partido foi esfacelado. A Nação, em sua quase unanimidade, não aceita a solução encontrada pelo PDS e deseja que se busque caminhos de entendimento. Por que nós, o vice-presidente Aureliano Chaves, senadores, deputados, governadores, com a oportunidade de tranquilizar o País, devemos recusar-nos a prestar esse serviço? As oposições se abriram a esse sentimento de conciliação, aceitaram a formação de uma Aliança Democrática, sem que ninguém abdique das suas posições, e concordaram mesmo, para caracterizar esse sentimento, que o candidato a vice-presidente seja o ex-presidente do PDS. Em nome de quê? Do aperfeiçoamento das instituições, da formação de um governo constituído pelo poder político, da pacificação nacional. De uma solução de força somente se sai pela força, que a Nação não deseja, ou numa solução de

Suas obras

compromisso. É esse compromisso que nos une. Ninguém agrediu o presidente João Figueiredo nem o abandonou com esse gesto. Reconhecemos o que ele fez pela abertura política, mas não podemos aceitar uma solução que signifique negar tudo o que construímos até agora. Apoiar uma solução dessa natureza, contra a Nação, contra o povo, isto sim seria deslealdade para com o Brasil, e com a qual todos sabemos que o presidente Figueiredo não pode concordar, em razão de seu juramento de fazer do País uma democracia.

E para terminar voltamos a Nabuco, não o Joaquim, mas o pai, no discurso que fez em 1862, chamado o discurso do *Uti possidetis*:

'O que eu não admito e contra o que eu protesto, em honra do Brasil, é que se não possa fazer uma liga com os liberais. Eu não sou liberal (viria a ser em seguida) mas digo que não é possível admitir essa perpétua exclusão de uma porção de brasileiros. É condição da paz pública que uns respeitem as opiniões dos outros, pois este Brasil é de todos os brasileiros'."

A Canção Inicial – Poesias, Ed. Afluentes, 1952;
Pesquisa sobre a Pesca do Curral, 1953;
Cultura e Governo, 1967;
Norte das Águas – Contos, Ed. Martins, 1969;
Governo e Povo – Conferências, Ed. Artenova, 1970;
Petróleo, Novo Nome da Crise, Ed. Senado Federal, 1976;
Democracia Formal e Liberdade, Ed. Senado Federal, 1977;
Desafios do Nosso Tempo, Ed. Senado Federal, 1977;
Desafio do Futuro, Ed. Senado Federal, 1978;
Maribondos de Fogo – Poesias, Ed. Artenova, 1979;
Norte das Águas – 2.ª edição, Ed. Artenova, 1979;
Partidos Políticos, Ed. Senado Federal, 1979;
Um Poeta do Meio-Norte: H. Dobal, 1980;
O Parlamento Necessário, Ed. Artenova, 1.º volume, 1981;
Norte das Águas, 3.ª edição, Livros do Brasil, Lisboa – Portugal, 1982;
Elogio de José Américo – Posse na Cadeira n.º 38 – Academia Brasileira de Letras, 1981;
O Parlamento Necessário, Ed. Artenova, 2.º volume, 1982;
Falas de Bem-Querer, Ed. Artenova, 1983.

Seus contemporâneos opinam

"Escritor que recriou apaixonadamente a vida e a realidade do povo maranhense, Governador e Senador eleito com grandes votações em eleições diretas. Sua designação (para a vice-presidência) representa a consolidação da grande frente democrática que é a esperança maior do povo brasileiro".

Jorge Amado

"José Sarney, ao mesmo tempo que faz política, faz literatura, e com esta característica: como político, não é literato, como homem de letras, não é político... escritor, e dos mais altos de nossa geração e do País".

Josué Montello

"A preocupação de Sarney com as artes e a cultura é um aspecto marcante de sua vida pública".

Ferreira Gullar

"José Sarney guardou da juventude passada nas redações de jornal a liberdade de espírito e o amor à literatura, na qual cresceu ao mesmo tempo em que se desincumbia da sua missão na vida pública".

Carlos Castello Branco

"A força de atuação de José Sarney revigora-se na diversidade de seus interesses mostrando a amplitude de sua ação parlamentar. É um tribuno já consagrado como um dos maiores oradores do Congresso Nacional".

Hindemburgo Dobal

"José Sarney é uma afirmação dos seus talentos e da sua cultura, aqueles e esta capazes de viver nos mais variados climas e assuntos".

Abgar Renault



ALIANÇA DEMOCRÁTICA

Frente Liberal
SCS - Edifício Brasal I - 6.º andar
Tel. (061) 223-7788
Brasília - DF